

CAMILA ROLA ALVES¹

Esta proposta de comunicação visa destacar alguns pontos do trabalho realizado com uma turma do 4º ano na Cidade do Rio Grande (RS), no ano de 2014. Para tanto, utilizamos a metodologia da Educação Patrimonial, a qual tem como objetivo levar os sujeitos, independente da idade, a um processo de conhecimento, valorização e preservação dos bens culturais; sendo assim, a Educação Patrimonial representa uma ferramenta muito interessante de ser utilizada na sala de aula, já que a mesma promove o contato direto do indivíduo com os bens culturais.

Nesta direção, destaca-se que na atualidade, a Educação Patrimonial vem sendo amplamente utilizada em outros espaços; em outras palavras, vem deixando a área dos museus para tornar-se um campo mais vasto, atuando nas instituições de tutela patrimonial, de memória e de cultura, e entre estes meios de atuação encontram-se as Escolas, afinal, “passadas mais de duas décadas, a Educação Patrimonial ultrapassou as ações centradas nos acervos e construções isoladas para a compreensão da própria cidade como documento da história e de cultura, passível de leitura e interpretação por meio de múltiplas estratégias educativas” (SCIFONI, 2012, p.30).

Em linhas gerais, esta metodologia encontra-se dividida em quatro etapas, sendo a primeira a “observação”, a qual busca a identificação dos objetos, dos saberes ou rituais próprios da localidade, bem o trabalho com suas funções e significados e, para tanto, desenvolvem-se exercícios de observação. A segunda etapa consiste no “registro”, o qual se baseia em anotar (registrar) o que foi observado, por meio de descrições verbais ou escritas, bem como fotografias, desenhos, etc. A terceira etapa é denominada de “exploração” e, nesta etapa, são feitas análises, pesquisas, e interpretações a respeito do que foi observado. Por sua vez, a quarta e a última etapa guarda relação com a “apropriação” e visa o envolvimento afetivo com os bens culturais, por meio de atividades de valorização e interpretação, como produção textual, desenhos, danças, vídeos, entre outros. Nesta direção, um apontamento necessário é o fato de que as etapas não precisam acontecer de modo separado; muito pelo contrário, pois, muitas vezes, estas etapas acontecem em conjunto. De acordo com Fraga,

¹ Bacharel em História (FURG) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: crolaalves@gmail.com

[...] é o próprio patrimônio e seus conjuntos de bens culturais que viabilizam, por parte dos alunos, a construção do conhecimento histórico e das noções caras a essa área do conhecimento, tais como tempo, espaço, cultura, relações sociais, memória e história (FRAGA, 2010, p. 226).

Com base nos preceitos indicados anteriormente, dentro da sala de aula, buscou-se trabalhar com a utilização de fontes, documentos históricos, como material didático. Em muitas aulas trabalhou-se com fotos e postais antigos da cidade do Rio Grande, livros como “Rio Grande: Cartões – Postais contam a História” e “Rio Grande: Patrimônio e Cartões – Postais na Belle Époque” foram utilizados nas aulas por trazerem uma coletânea de imagens da cidade do Rio Grande antigamente; inclusive, muitas vezes, identificavam o mesmo lugar em mais de uma imagem, entretanto, com datas diferentes. Esta perspectiva foi adotada porque possibilita ao aluno a comparação e o (re) conhecimento da cidade em datas diferentes, bem como a identificação das mudanças que foram ocorrendo, como indica Circe Bittencourt:

O uso da fotografia pode favorecer o entendimento das mudanças e permanências, por intermédio de um estudo comparativo. Uma proposta frequente, ao estudar-se a história local, é apresentar fotos do mesmo lugar em momentos diferentes (BITTENCOURT, 2011, p. 369).

Por outro lado, destaca-se que é preciso ter cuidado no momento de separação do material a ser trabalhado nas aulas pois, conforme trata Bittencourt, “na escolha é necessário lembrar que eles devem ser motivadores e não se podem constituir em texto de leitura que produza mais dificuldade do que interesse e curiosidade” (BITTENCOURT, 2011, p. 330). Assim, através das imagens, torna-se possível trabalhar com a curiosidade destes alunos, fazendo com que eles imaginem que lugar possa ser este para, posteriormente, se explorar aspectos históricos culturais locais, “no entanto é preciso deixar-lhe claro que o uso de documentos históricos em sala de aula, em nenhum momento, poderá ter a função de transformá-lo em historiador ou substituir a intervenção do professor no processo ensino-aprendizagem” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 117). Nesta situação, o professor faz o papel de mediador entre o aluno e o bem cultural que está sendo trabalhado, ou seja, vai apresentar o documento; no caso em específico, trabalha-se com as imagens, pois deixa-se que o aluno observe e a partir deste momento, apresenta-se o histórico do local; contudo, de forma a deixar espaço para o aluno, não com a intenção de transformá-lo em um mini historiador como fala Schmidt e Cainelli, mas deixando-o trazer/apontar suas percepções acerca do que está sendo trabalhado. De acordo com Luporini, esta atividade:

Proporciona ao aluno a possibilidade de familiarizar-se com realidades passadas ou presentes, desenvolvendo sua condição de raciocínio sobre situações concretas, dinamizando suas reflexões, reduzindo a distância entre o seu cotidiano e realidades distantes e alheias à sua, assimilando melhor e mais significativamente os saberes históricos. É nesse sentido que o uso escolar do documento histórico deve ser compreendido e utilizado, enquanto um suporte informativo que colabora para a construção do saber histórico (LUPORINI, 2002, p. 327).

Além da metodologia da Educação Patrimonial, o trabalho também foi acrescido de entrevistas – desenvolvidas pelos próprios alunos – com membros da comunidade que vivenciaram a cidade do Rio Grande em um período mais antigo. Ressalta-se que esta atividade teve um retorno satisfatório. Com base nestas informações, busca-se a aproximação dos alunos com a História que antes lhes parecia tão distante e, a partir do momento da descoberta de que seus avós trabalharam na Fábrica Rheingantz, por exemplo, eles passaram a ter maior curiosidade de apreender sobre o local. Além disso, os alunos trouxeram contribuições significativas para as aulas; perspectiva já apontada por Londres, no momento em que destaca:

A meta que se deve ter em vista, portanto, é de despertar no educando a curiosidade, o desejo e o prazer de conhecer e de conviver com os bens culturais enquanto patrimônio coletivo, e de levá-lo a se apropriar desses bens enquanto recursos que aprimoram sua qualidade de vida, e que contribuem para seu enriquecimento enquanto pessoa e cidadão (LONDRES, 2012, p.16).

Ao trabalharmos com esta metodologia na sala de aula, buscamos mesclar aulas relacionadas à história da cidade, com a utilização de fontes, documentos históricos, contando também com as entrevistas que os alunos realizaram com pessoas da comunidade, as quais lhes contaram como era a cidade do Rio Grande antigamente, como material didático. Buscamos fazer links destes materiais utilizados na sala de aula, com saídas de campo para que os alunos observassem o que foi abordado, para que comparassem o que viram nas fontes iconográficas, por exemplo, às condições de preservação atuais dos bens culturais.

A primeira atividade de saída de campo realizada com a turma foi direcionada às Praças Barão de São José do Norte, Xavier Ferreira, Tamandaré e Sete de Setembro. Essas praças localizam-se no centro da cidade, são locais que os alunos conheciam, sabiam onde se encontravam, mas por outro lado, desconheciam suas histórias, que monumentos existiam nesses espaços, etc. Para o trabalho com estes espaços, antes da realização da atividade propriamente dita, foi realizada uma aula onde foram trabalhadas imagens dessas praças, seus monumentos; enfim, um pouco do histórico destes locais.

Com relação à Praça Barão de São José do Norte, foram trabalhadas questões como a localização do Pelourinho² e o trabalho com aspectos ligados aos monumentos do lugar. Na ocasião, observou-se que os alunos desconheciam seu histórico por completo, e a partir desta praça se trabalhou, por exemplo, a presença escrava na cidade, pois o Porto do Rio Grande desembarcavam aqui e seguiam para outras regiões do Estado, sendo que os que aqui ficavam realizavam diferentes atividades, ou seja, a presença e a influência negra na cidade são marcantes e se fazem presentes nos mais diferentes aspectos da realidade local. A partir desta praça também foram trabalhadas questões como urbanização e crescimento da cidade, já que esta mesma praça, na década de 1930, foi remodelada, sendo dividida em duas partes para possibilitar melhorias no trânsito, tendo em vista que os bondes da Linha Cidade Nova eram obrigados a fazer duas acentuadas curvas para seguirem seu percurso. (TORRES, 2008, p.58)

A Praça Xavier Ferreira, por sua vez, foi o segundo local a ser visitado. Encontra-se localizada no centro histórico da cidade e, neste espaço encontra-se o monumento ao Brigadeiro José da Silva Paes, fundador da cidade; neste momento, os alunos falaram sobre alguns pontos que tinham sido estudados anteriormente – referentes à colonização da cidade. A Coluna Comemorativa à Libertação dos Escravos foi o primeiro monumento erguido em praça pública na cidade, em 1889; no topo da coluna encontra-se a figura simbólica da “liberdade”, uma mulher rompendo as correntes, estas seriam – simbolicamente – as correntes que prendiam os escravos e, no momento de observação deste monumento, os alunos que já haviam comentado em aula e voltaram a falar que nunca tinham olhado para cima desta coluna, que antes nem sabiam o que existia no topo.

Sem contar o interior da Praça, que é muito rico em aspectos ambientais também, é possível observar seus arredores, pois a mesma encontra-se rodeada pelo Prédio da Prefeitura Municipal do Rio Grande, Quartel General de Guarnição e Fronteira, Biblioteca Rio-Grandense, Mercado Público Municipal, Alfândega, Catedral de São Pedro e Capela de São Francisco de Assis, onde atualmente localiza-se o Museu de Arte Sacra, entre outros prédios que os alunos observaram, e que juntos ajudam a contar um pouco do processo de urbanização e crescimento da cidade.

Na sequência das atividades, chegou-se à Praça Tamandaré. Anteriormente, os alunos já haviam estudado em sala de aula sobre sua função inicial, que era ponto de coleta de água, denominava-se antigamente como Geribanda, e que constituía um ponto de aglomeração

² Local onde eram aplicados os castigos nos escravos em Rio Grande e, até 1855, neste espaço também eram realizados os enforcamentos de condenados à morte na cidade.

popular, onde se encontravam escravos aguadeiros para coleta de água, sendo que a lavagem de roupas era feita neste local também. Este era o principal local de abastecimento de água da cidade; contudo, os poços foram fechados a partir de 1870. Posteriormente, esta área se valorizou com o desenvolvimento da cidade, e assim começou a receber uma atenção maior a partir de 1895, por meio da implantação de projetos de melhoramento, os quais abrangiam a plantação de mudas de árvores, ajardinamento, construção de lagos e ilhotas³.

O último local a ser visitado neste dia de atividades foi a Praça Sete de Setembro. Esta, inicialmente, chamava-se “Praça do Poço”, e foi assim denominada por ali ter sido construído um poço ou cacimba nos primeiros momentos de ocupação da cidade, em 1737, estando próximo ao Forte Jesus-Maria-José. Neste local aconteceram as primeiras experiências de convívio da cidade.

Ao se trabalhar com estas quatro praças, foi possível abordar temas como a fundação da cidade, a presença e a contribuição negra em Rio Grande, o crescimento da cidade, a urbanização local, a constituição de espaços de lazer das pessoas que moravam nesta cidade antigamente, entre outros aspectos.

Após o trabalho de observação e análise destes espaços citadinos, na aula seguinte, voltou-se o olhar à exploração dos aspectos que os alunos tinham observado, assim como abriu-se espaço para as dúvidas e aprofundamento de outros pontos, isto é, aplicou-se uma atividade de registro e exploração, no momento em que os alunos escolheram algo que observaram na saída de campo e registraram através de desenhos. Em muitos destes apareceram o Monumento Túmulo a Bento Gonçalves, o Monumento do Brigadeiro José da Silva Paes, A Coluna da Liberdade e o Mini Zoológico da Praça Tamandaré. Além destas produções (desenhos), muitos alunos trouxeram pequenos textos e em um destes trabalhos o aluno desenhou a Coluna da Liberdade e ao lado escreveu: “A coluna a liberdade celebra quando proibiram a escravidão, a mulher esta olhando para o mar porque de lá vinham os escravos” (Aluno A, 9 anos).

A partir de relatos como esses, vemos que os alunos conseguiram unir informações passadas para eles em momentos diferentes e tiraram suas próprias conclusões, pois, em momento algum foi falado que a estatua esta virada para o mar por este motivo. Entretanto, a

³ Na Praça Tamandaré também existem muitas esculturas de artistas da cidade, bem como um chafariz e, ainda, o Monumento “Túmulo de Bento Gonçalves”.

partir das informações de que os escravos vinham para Rio Grande pelo Porto, que este era de extrema importância, pois tudo chegava por ele, o aluno fez esta ligação.

Em outro relato, uma aluna fala sobre o monumento ao Brigadeiro José da Silva Paes, indicando que “o monumento do Brigadeiro José da Silva Paes está concentrado na praça Xavier, ele foi o fundador da nossa cidade no dia 19 de fevereiro de 1737 a frota “Brigadeiro” transpôs a Barra difícil e aqui ‘desembarcou’ para construir um forte militar” (Aluna A.). A partir desta afirmação, concorda-se com Hilda Jaqueline Fraga, no momento em que ela afirma que:

[...] a própria cidade, seus monumentos e suas instituições culturais podem se transformar em cenários educativos para o estabelecimento de experiências de Educação Patrimonial onde os alunos, orientados por professores, passam a explorar os bens culturais como documentos a serem lidos a céu aberto (FRAGA, 2010, p. 228).

Desde o início do trabalho, a metodologia da Educação Patrimonial “tem demonstrado o quanto se pode refletir e problematizar com relação à cidade e à sua história, tomando os monumentos históricos como ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem” (FRAGA, 2010, p. 224). Ao se realizar a atividade em sala de aula após a saída de campo, e ver o resultado dos trabalhos, como os já citados acima, observa-se que o importante é a construção do aprendizado junto com os alunos, e este objetivo está sendo alcançado. Assim, o trabalho com o ensino de História por meio de patrimônios culturais, com saídas de campo, exploração de imagens, uso de materiais diferenciados em sala de aula, faz com que os alunos apreendam de um modo mais interativo, pois é a partir do estímulo à curiosidade, através de diferentes materiais didáticos, que o aluno passa a se apropriar do que está sendo trabalhado.

Outro ponto a ser destacado é o olhar atento dos alunos para as depredações presentes no patrimônio rio-grandino, durante as atividades práticas realizadas ao ar livre. Ao se caminhar por algumas Praças foi possível identificar pichações em praticamente todos os monumentos; além disso, a partir desta percepção dos alunos foi possível falar sobre preservação, conservação o que é um restauro, o que pode e o que não pode ser feito com um bem patrimonial, a importância de sua preservação, conforme atesta Londres:

A formação dessa “consciência preservacionista” junto às novas gerações é, portanto, fundamental para a continuidade da preservação dos bens culturais, cujo desaparecimento, sabemos bem, constitui, em geral, uma perda irreparável, seja de um monumento antigo, seja de uma espécie de fauna ou da flora, e também de conhecimentos, de formas de expressão, de modos de vida (LONDRES, 2012, p.15).

A consciência preservacionista destacada por Londres torna-se importante não somente para a conservação dos bens culturais mas, ainda, para a sua manutenção às gerações futuras e, nesta direção, o trabalho com o (re) conhecimento destes espaços culturais, a partir da metodologia da Educação Patrimonial, oportuniza a reflexão e a apropriação destes patrimônios pela comunidade.

Com base no exposto, espera-se que o ensino de História por meio de bens patrimoniais culturais, além de favorecer o conhecimento relacionado à cidade que estes alunos vivem e nem sempre conhecem, espera-se que estes, ao se identificarem com os patrimônios culturais trabalhados, passem a ter a preocupação em não somente preservar mas, também, entenderem a constituição física da cidade, ou seja, porque determinada construção encontra-se em pé, enquanto outras, de valor simbólico considerável para a comunidade, foram destruídas, tendo em vista que as “áreas urbanas de valor patrimonial é [a] base da memória social e como tal relevante para o desenvolvimento social, para a formação do sentido de história no cotidiano e para a construção das identidades coletivas” (NEVES, 2011, p. 15).

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011, pp. 327-383.
- FRAGA, Hilda Jaqueline de. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.
- GRUNBERG, Evelina. **Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.
- LONDRES, Cecília. O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.
- LUPORINI, Teresa Jussara. Educação patrimonial: projetos para a educação básica. In: **Ciências & Letras**. Porto Alegre, n31, jan/jun.2002, pp.325-338.
- NEVES, Alesandra Cristina Neves. Educação Patrimonial na Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim Caetano da Silva – Jaguarão/RS – Projeto Lições do Rio Grande. **Monografia** – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2011.
- PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural:** consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora, CAINELLI, Marlene. As fontes históricas e o ensino da história. In: **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.
- SCIFONI, Simone. Educação e patrimônio cultural: reflexões sobre o tema. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.
- TORRES, Luiz Henrique. **Rio Grande: Cartões-Postais e Patrimônio na Belle Époque**. Rio Grande: EDFURG, 2013.
- _____. **Rio Grande: Cartões-Postais Contam a História**. Rio Grande: FURG, 2010.
- TORRES, Luiz Henrique. **Rio Grande: imagens que contam a história**. Rio Grande: SMEC/Rio Grande, 2008.

3. Os arquivos deverão ser salvos na extensão "doc" ou "rtf", digitados em programa editor de texto no padrão do Microsoft Office Word.